STRANGER THINGS

BRENNA YOVANOFF

AUTORA *BESTSELLER* DO *NEW YORK TIMES*

LIVRO STRANGER THINGS OFICIAL

MAX, A FUGITIVA

NUVEM DE TINTA

Para as raparigas audazes e para os rapazes esperançosos.
E para a V., a minha coisa mais estranha.

PRÓLOGO

O chão da estação rodoviária de San Diego estava coberto de beatas. Há milhentos anos, o edifício devia ter sido elegante, como a Grand Central Station ou aqueles sítios enormes que vemos nos filmes. Contudo, agora, só parecia completamente cinzento, como um armazém cheio de bêbedos e folhetos amachucados de bandas.

Era quase meia-noite, mas o átrio estava à pinha. Ao meu lado, os cacifos enchiam uma parede de uma ponta à outra. Um dos cacifos estava a verter qualquer coisa, como se algo se tivesse entornado no interior e pingasse para o chão, algo que estava a colar-se aos meus sapatos.

Havia máquinas de venda automática do outro lado do átrio e um bar a um canto, onde uns quantos homens magrinhos e com a barba por fazer estavam sentados a fumar para dentro de cinzeiros, curvados sobre as suas cervejas, como *goblins*. O fumo deixava o ar enevoado e esquisito.

Apressei o passo, andando junto aos cacifos, com o queixo para baixo, a tentar não dar muito nas vistas. Em casa, ao imaginar esta cena, tivera a certeza de que passaria facilmente despercebida na multidão. Mas, agora que aqui estava, era mais difícil do que tinha pensado. Julgara que o caos e o tamanho me ocultariam. Afinal de contas, era uma estação *rodoviária*. Não imaginei que fosse a única pessoa aqui que ainda não tivesse idade para conduzir.

Na minha rua ou na escola, eu era fácil de ignorar: doze anos, estatura média, uma forma, cara e roupas comuns. Tudo em mim era comum, exceto o meu cabelo, que era comprido e ruivo e a coisa que eu tinha de mais brilhante. Prendi-o num rabo de cavalo e tentei andar como se soubesse para onde estava a ir. Devia ter trazido um chapéu.

Na bilheteira, duas raparigas mais velhas, com uma sombra de olhos verde e minissaias de borracha, estavam a discutir com o tipo atrás do vidro. Os seus cabelos estavam penteados tão para cima que pareciam algodão-doce.

— Vá lá, meu — disse uma delas. Estava a abanar a carteira virada ao contrário sobre o balcão do guiché e a contar moedas de vinte e cinco cêntimos. — Não me podes dar uma ajudinha? Não falta quase nada. É só um dólar e meio.

O homem, com a sua camisa havaiana coçada, tinha um ar sarcástico e entediado.

— Achas que isto é uma instituição de caridade? Se não há dinheiro, não há bilhete.

Pus a mão no bolso do meu casaco de fato de treino e apalpei o meu bilhete. Classe económica, de San Diego para LA. Pagara com uma nota de vinte da caixa de joias da minha mãe e o tipo mal olhara para mim.

Andei mais depressa, mantendo-me junto à parede, com o meu *skate* debaixo do braço. Por um instante, pensei como seria fixe pô-lo no chão e passar entre os bancos a alta velocidade. Mas não o fiz. Um passo em falso, e até um monte de vagabundos noctívagos notaria que eu não deveria estar aqui.

Pouco faltava para chegar ao fundo do átrio quando uma onda nervosa atravessou a multidão atrás de mim. Virei-me. Junto às máquinas de venda automática, dois homens com uniformes castanho-claros olhavam para um mar de rostos. Eu conseguia ver o brilho dos seus distintivos mesmo do outro lado da estação. Polícias.

O mais alto tinha olhos rápidos e pálidos e braços compridos e magrinhos, como uma aranha. Estava a andar para a frente e para trás entre os bancos, daquela maneira que os polícias fazem sempre. É um andar lento e oficial que diz *Posso ser um lingrinhas sinistro, mas sou eu quem tem a arma e o distintivo.* Lembrou-me o meu padrasto.

Se eu conseguisse chegar ao fundo do átrio, podia esgueirar-me para o terminal onde os autocarros paravam. Enfiava-me na multidão e desaparecia.

Os tipos nojentos no bar curvaram-se ainda mais sobre as cervejas. Um deles apagou o cigarro, depois lançou um olhar demorado e maléfico aos polícias e cuspiu para o chão, entre os seus pés. As raparigas na bilheteira tinham parado de discutir com o caixa. Fingiam estar muito interessadas nas suas unhas postiças, mas pareciam nervosas em relação ao Agente Lingrinhas. Talvez tivessem o mesmo tipo de padrasto que eu.

Os polícias atravessaram o centro do átrio com dificuldade, escrutinando a estação rodoviária como se estivessem à procura de alguma coisa. Uma criança perdida, talvez. Um bando de delinquentes a fazer das suas.

Ou uma fugitiva.

Baixei a cabeça e preparei-me para me perder na multidão. Estava prestes a sair para o terminal quando alguém aclarou a garganta e uma mão grande e pesada se fechou à volta do meu braço. Virei-me e olhei para cima, para a cara indistinta de um terceiro polícia.

Ele fez um sorriso aborrecido e insosso — todo ele era dentes.

— Maxine Mayfield? Vou precisar que venhas comigo. — A cara dele era dura e irregular, e ele parecia ter dito a mesma coisa a miúdos diferentes uma centena de vezes. — Tens pessoas em casa muito preocupadas contigo.

CAPÍTULO UM

O céu estava tão baixo que parecia estar sentado em cima do centro de Hawkins. O mundo passava por mim, enquanto eu percorria ruidosamente o passeio. Acelerei no *skate*, ouvindo as rodas sussurrarem no betão e depois baterem nas rachas. A tarde estava fresca e o frio fazia-me doer as orelhas. Estivera frio todos os dias desde que tínhamos chegado à cidade, três dias antes.

Eu continuava a olhar para cima, à espera de ver o céu luminoso de San Diego. Contudo, aqui, tudo era pálido e cinzento, e, mesmo que não estivesse nublado, o céu parecia não ter cor. Hawkins, Indiana: a terra das nuvens baixas e cinzentas, e dos casacos acolchoados, e do inverno.

A… minha… terra.

A rua principal estava toda enfeitada para o *Halloween*, com as montras das lojas cheias de abóboras sorridentes. Havia teias de aranha a fingir e esqueletos de papel colados nas janelas do supermercado. Em todo o quarteirão, os postes dos candeeiros estavam decorados com fitas pretas e cor de laranja que flutuavam ao vento.

Eu tinha passado a tarde no Palace Arcade, a jogar *Dig Dug* até ficar sem moedas. Como a minha mãe não gostava que eu gastasse dinheiro em videojogos, em casa, na Califórnia, praticamente só jogava quando estava com o meu pai. Ele levava-me ao salão de

bólingue com ele ou, às vezes, à lavandaria, que tinha o *Pac-Man* e o *Galaga*. E outras vezes eu ia ao Joy Town Arcade, no centro comercial, embora fosse uma roubalheira e estivesse cheio de metaleiros com calças de ganga esfarrapadas e casacos de cabedal. Ainda assim, eles tinham o *Pole Position*, que era melhor do que qualquer outro jogo de corridas e incluía um volante, como se estivéssemos mesmo a guiar.

O salão de jogos em Hawkins era um edifício grande e de teto baixo, com letreiros em néon nas janelas e um toldo amarelo-vivo (mas, sob as luzes coloridas e a tinta, o revestimento era apenas de alumínio). Disponibilizava o *Dragon's Lair*, o *Donkey Kong* e o *Dig Dug*, que era o jogo em que me saía melhor.

Tinha passado a tarde toda ali, a aumentar a pontuação do *Dig Dug*, mas, depois de escrever o meu nome no primeiro lugar e de ficar sem moedas, comecei a sentir-me inquieta, como se precisasse de me mexer. Assim, saí do salão de jogos e andei de *skate* pelo centro, para dar uma vista de olhos a Hawkins.

Batia com o pé para acelerar, passando ruidosamente por um *diner* e uma loja de ferramentas, uma Radio Shack, um cinema. O cinema era pequeno, como se só tivesse um ecrã, mas a fachada era vistosa e antiquada, com um grande letreiro que ficava saliente, como um navio de guerra coberto de luzes.

A única altura em que gostava mesmo de estar quieta era no cinema. O cartaz mais recente na fachada era o de *O Exterminador Implacável*, mas já tinha visto. A história era bastante boa. Um robô assassino que parecia o Arnold Schwarzenegger viajava no tempo a partir do futuro, para matar uma empregada de mesa chamada Sarah Connor. A princípio, ela parecia mais ou menos normal, mas, afinal, era brutal. Gostei, embora não fosse um verdadeiro filme de monstros. Em todo o caso, tinha qualquer coisa que também me deixou estranhamente desapontada. Nenhuma das mulheres que eu conhecia se parecia minimamente com a Sarah Connor.

Estava a passar a abrir pela loja de penhores — depois de passar por uma loja de mobílias e por uma pizaria com um toldo às riscas vermelhas e verdes — quando algo pequeno e escuro se lançou como uma flecha para o passeio à minha frente. À luz cinzenta da tarde, parecia um gato. Só tive tempo de pensar como isso era estranho, no centro de San Diego nunca se veria um gato, e a seguir o chão fugiu-me de baixo dos pés.

Estava habituada a dar tralhos, mas aquela fração de segundo da queda desorientava-me sempre. Quando perdia o equilíbrio era como se o mundo inteiro se tivesse virado ao contrário e escorregado debaixo de mim. Bati com tanta força no chão que senti a pancada nos dentes.

Andava de *skate* desde sempre — desde que o meu melhor amigo, o Nate Walker, e o seu irmão Silas tinham feito uma viagem a Venice Beach com os pais, quando andávamos no terceiro ano, e voltaram todos empolgados com os Z-Boys e as lojas de *skates* em Dogtown.[1] Andava de *skate* desde o dia em que descobrira as lixas e as tábuas da Madrid, descera Sunset Hill pela primeira vez e soubera qual era a sensação de andar tão depressa que o coração acelerava e os olhos choravam.

O passeio estava frio. Por um segundo, fiquei estatelada sobre o estômago, com um estremecimento oco no peito e a dor a disparar pelos braços acima. O meu cotovelo rompera a manga da camisola, e as palmas das minhas mãos estavam esfoladas e elétricas. O gato já ia longe.

Tinha-me virado e estava a tentar sentar-me quando uma mulher magra e de cabelo escuro saiu apressadamente de uma das lojas. Era quase tão surpreendente como um gato no bairro comercial. Ninguém na Califórnia teria saído a correr só para ver

---

[1] Os Z-Boys foram um importante grupo de *skaters* americanos dos anos 70 que influenciou o *skate* vertical. Grande parte dos seus membros vinha de Dogtown, uma zona entre Santa Monica e Venice, na Califórnia. [*N. da T.*]

se eu estava bem, mas isto era o Indiana. A minha mãe dissera que as pessoas seriam mais simpáticas aqui.

A mulher ajoelhou-se ao pé de mim no passeio de betão, com olhos grandes e nervosos. Eu sangrava um pouco do cotovelo, onde rasgara a manga. Os meus ouvidos zumbiam.

Ela debruçou-se sobre mim, com um ar preocupado.

— Oh, o teu braço! Isso deve doer. — Depois, olhou para cima, fitando a minha cara. — Ficas amedrontada com facilidade?

Limitei-me a fitá-la de volta. *Não*, queria dizer, e era verdade em muitos sentidos. Não tinha medo de aranhas nem de cães. Podia caminhar sozinha pelo passadiço quando estava escuro ou andar de *skate* na zona alagada na época das cheias, sem nunca me preocupar que um assassino me fosse atacar ou que um dilúvio repentino caísse como uma avalanche sobre mim. E quando a minha mãe e o meu padrasto tinham dito que nos íamos mudar para o Indiana, pusera algumas meias, roupa interior e dois pares de calças de ganga na minha mochila e fora para a estação rodoviária, para fugir para LA. Era completamente marado perguntar a uma estranha se ela costumava ficar amedrontada. Amedrontada com *o quê?*

Durante um segundo, fiquei sentada no meio do passeio, com o cotovelo a arder e as palmas das mãos esfoladas e ásperas, a piscar os olhos na direção dela.

— O quê?

Ela esticou-se para sacudir a gravilha das minhas mãos. As mãos dela eram mais magras e mais morenas do que as minhas, com os nós dos dedos secos e gretados e as unhas roídas. Ao pé das dela, as minhas mãos pareciam pálidas, cobertas de sardas.

Ela observava-me de uma forma rápida e nervosa, como se eu é que estivesse a ser estranha.

— Estava a pensar se ficavas marcada com facilidade. Às vezes, as peles claras ficam. Devias pôr *Bactine* nisso, para não infetar.

— Ah. — Abanei a cabeça. As palmas das minhas mãos ainda pareciam estar cheias de faíscas minúsculas. — Não. Quer dizer, acho que não.

Ela aproximou-se e ia dizer mais qualquer coisa, quando, de repente, ficou paralisada e de olhos arregalados. Olhámos as duas para cima no momento em que o rugido de um motor perfurou o ar.

Um *Camaro* azul-piscina atravessou a bombar o sinal vermelho em Oak Street e grunhiu junto à berma do passeio. A mulher virou-se depressa para ver qual era o problema, mas eu já sabia.

O Billy, o filho do meu padrasto, estava sentado no banco do condutor, com a mão preguiçosamente pousada em cima do volante. Eu conseguia ouvir a barulheira da música dele através das janelas fechadas.

Mesmo do passeio, conseguia ver o brinco do Billy a reluzir. Ele estava a observar-me daquela forma inexpressiva e vazia de sempre — olhos semicerrados, como se eu o deixasse tão entediado que mal aguentava —, mas sob essa aparência havia uma intensidade brilhante de algo perigoso. Quando ele olhava para mim assim, a minha cara queria corar para um vermelho-vivo ou contorcer-se. Estava habituada à maneira como olhava para mim, como se eu fosse algo que ele quisesse sacudir de cima de si, mas parecia sempre pior quando ele o fazia à frente de outra pessoa — como esta mulher simpática e nervosa. Ela tinha cara de ser mãe de alguém.

Esfreguei as mãos a arder nas coxas, sobre as calças de ganga, antes de me dobrar para apanhar o *skate*.

Ele inclinou a cabeça para trás, com a boca aberta. Passado um segundo, debruçou-se sobre o assento e abriu a janela.

A aparelhagem rugia mais alto, com os Quiet Riot a martelarem no ar frio.

— Entra.

*

Noutros tempos, durante duas semanas em abril, achara aquele *Camaro* a coisa mais fixe que alguma vez vira. Tinha um corpo comprido e esfomeado como um tubarão, cheio de painéis pintados e polidos e ângulos retos. Era o tipo de carro com o qual se podia assaltar um banco.

O Billy Hargrove era rápido e cortante, como o carro. Usava um casaco de ganga deslavada e tinha cara de estrela de cinema.

Na altura, ele ainda não era o Billy, era apenas uma ideia vaga que eu tinha sobre como a minha vida seria. O pai dele, o Neil, ia casar-se com a minha mãe e, quando fôssemos todos viver juntos, o Billy seria meu irmão. Estava entusiasmada por voltar a ter uma família.

Depois do divórcio, o meu pai tinha ido a correr para LA, por isso, quase só o via em férias de segunda categoria ou quando ele vinha a San Diego por causa de trabalho, e a minha mãe não conseguia pensar em nenhum motivo para não me deixar estar com ele.

A minha mãe ainda estava por perto, claro, mas de uma forma ténue e esvoaçante, difícil de agarrar. Ela sempre fora pouco tangível, mas, quando o meu pai saíra de cena, as coisas tinham piorado. Chegava a ser trágica a forma como ela desaparecia facilmente na personalidade de todos os tipos com quem andava.

Houve o Donnie, que recebia uma pensão por causa das costas e que não se podia dobrar para pôr o lixo na rua. Fazia-nos panquecas *Bisquick* aos fins de semana e contava piadas horríveis e, um dia, fugira com uma empregada de mesa da cadeia de panquecas IHOP.

Depois do Donnie, houve o Vic, de St. Louis, e o Gus, que tinha um olho verde e o outro azul, e o Ivan, que palitava os dentes com um canivete.

O Neil era diferente. Conduzia uma *pickup* castanho-clara da *Ford* e usava camisas engomadas, e o bigode dele fazia-o parecer uma espécie de sargento do exército ou um guarda-florestal. E ele queria casar-se com a minha mãe.

Os outros tipos eram uns falhados, mas uns falhados temporários, por isso, nunca me importara com eles. Alguns eram tolos, ou amigáveis, ou cómicos, mas, passado um tempo, as coisas más acumulavam-se sempre. Tinham a renda em atraso, ou espatifavam os carros, ou embebedavam-se e iam parar à cadeia.

Iam-se sempre embora e, quando não o faziam, a minha mãe expulsava-os. Eu não ficava destroçada. Até os melhorzinhos eram um pouco embaraçosos. Nenhum deles era fixe como o meu pai, mas a maioria era OK. Alguns até eram simpáticos.

Tal como disse, o Neil era diferente.

A minha mãe conheceu-o no banco. Ela trabalhava como caixa, sentada atrás de uma janela fumada; entregava talões de depósito e dava chupa-chupas a miúdos pequenos. O Neil era segurança e ficava o dia todo de pé junto às portas duplas. Ele disse que ela parecia a Bela Adormecida sentada atrás do vidro ou uma pintura antiga numa moldura. Pela forma como o disse, a ideia era soar romântico, mas eu não conseguia perceber de que maneira. Afinal, a Bela Adormecida estava em coma e as pinturas em molduras não eram interessantes nem empolgantes — limitavam-se a estar presas.

Da primeira vez que ela o convidara para jantar em nossa casa, ele levara flores. Nenhum dos outros alguma vez comprara flores. Ele disse-lhe que o rolo de carne dela era o melhor rolo de carne que alguma vez comera, e ela sorriu e corou e olhou para ele pelo canto do olho. Eu estava contente porque ela tinha parado de chorar pelo último namorado — um vendedor de tapetes que tapava a careca com o cabelo lateral e que não lhe dissera que era casado.

Algumas semanas antes das férias de verão, o Neil pedira a minha mãe em casamento. Comprou-lhe um anel e ela deu-lhe a chave extra da casa. O Neil aparecia quando lhe apetecia, trazendo flores ou livrando-se de almofadas e quadros de que não gostava, mas não vinha depois das dez e nunca passava lá a noite.

Era demasiado cavalheiro para isso, *antiquado*, como dizia. Gostava de bancadas limpas e jantares de família. O pequeno anel de noivado de ouro deixou a minha mãe mais feliz do que a vira em muito tempo, e tentei ficar feliz por ela.

O Neil contou-nos que tinha um filho na secundária, mas foi tudo o que disse sobre ele. Calculei que fosse um betinho do futebol americano, ou então talvez uma cópia mais jovem do Neil. Não tinha imaginado o Billy.

Na noite em que finalmente o conheci, o Neil levou-nos ao Fort Fun, que era uma pista de *karts* perto de minha casa, onde a malta do *surf* levava as namoradas para comer churros e jogar hóquei de ar e *Skee-Ball*. Era o género de sítio onde tipos como o Neil não seriam apanhados nem mortos. Mais tarde, percebi que ele estava a tentar que o achássemos divertido.

O Billy estava atrasado. O Neil não disse nada, mas eu conseguia ver que estava chateado. Ele tentava agir como se estivesse tudo bem, mas os seus dedos deixavam amolgadelas no copo de esferovite de *Coca-Cola*. Enquanto esperávamos, a minha mãe brincava com um guardanapo de papel, enrolando-o e rasgando-o logo a seguir em quadradinhos.

Imaginei que talvez fosse tudo uma grande peta e que o Neil nem sequer tivesse um filho. Era o tipo de situação que se fartava de acontecer nos filmes de terror — o tipo inventava toda uma vida falsa e falava a toda a gente sobre a sua casa e a sua família perfeitas, embora, na verdade, morasse numa cave e comesse gatos ou coisa parecida.

Eu não achava mesmo que isso fosse verdade, mas imaginei-o na mesma, porque era melhor do que vê-lo olhar furiosamente para o parque de estacionamento a cada dois minutos e, depois, fazer um sorriso forçado para a minha mãe.

Estávamos os três a meio de um jogo de minigolfe quando, finalmente, o Billy apareceu. Íamos no décimo buraco, situado à frente

de um moinho pintado, do tamanho de um barracão de jardim, e tentávamos que a bola passasse pelas velas a girar.

Quando o *Camaro* rugiu no parque de estacionamento, o motor fez tanto barulho que toda a gente se virou para olhar. O Billy saiu, deixando a porta bater com força. Usava o seu casaco de ganga e botas de couro, e o mais radical de tudo: tinha um brinco. Alguns dos rapazes mais velhos da escola usavam botas e casacos de ganga, mas nenhum deles tinha brinco. Com a sua trunfa de cabelo com laca e a camisa aberta, parecia um dos metaleiros do centro comercial, ou o David Lee Roth, ou alguém famoso.

Dirigiu-se logo a nós, cortando pelo meio do campo de minigolfe.

Passou por cima de uma grande tartaruga de plástico para chegar à falsa relva verde.

O Neil observava-o com o olhar tenso e carrancudo que fazia sempre que algo não correspondia aos seus padrões.

— Estás atrasado.

O Billy limitou-se a encolher os ombros. Não olhou para o pai.

— Cumprimenta a Maxine.

Eu queria dizer ao Billy que o meu nome não era esse — detestava quando as pessoas me chamavam Maxine —, mas não disse. Não teria feito diferença. O Neil chamava-me sempre assim, por mais vezes que lhe dissesse para não o fazer.

O Billy fez-me um aceno lento e despreocupado, como se já nos conhecêssemos, e eu sorri, segurando no taco pela pega de borracha húmida. Comecei logo a pensar quão mais fixe isto me tornaria. O Nate e o Silas iam ficar cheios de inveja. Eu ia ganhar um irmão, e isso mudaria a minha vida.

Mais tarde, ficámos os dois nas bancas de *Skee-Ball*, enquanto o Neil e a minha mãe caminhavam juntos pelo passadiço. Isto de eles estarem sempre melosos um com o outro começava a tornar-se

irritante, mas alimentei a máquina com moedas de 25 cêntimos e tentei ignorá-los. A minha mãe parecia muito feliz.

O *Skee-Ball* ficava numa plataforma elevada de betão por cima da pista de *karts*. Do parapeito, podíamos olhar para baixo e ver os carros a andarem às voltas num oito.

O Billy encostou os cotovelos ao parapeito, deixando as mãos soltas e relaxadas à sua frente e equilibrando um cigarro entre os dedos.

— A Susan parece ser uma desmancha-prazeres.

Encolhi os ombros. Ela era picuinhas, nervosa e às vezes não tinha graça nenhuma, mas era minha mãe.

O Billy olhou para a pista. Tinha pestanas compridas, como as de uma rapariga, e vi pela primeira vez como as suas pálpebras eram pesadas. Contudo, isso seria algo que viria a aprender sobre o Billy — ele nunca parecia realmente acordado, exceto… às vezes. Às vezes, o seu rosto ficava subitamente alerta e depois não fazíamos ideia do que ele faria ou do que aconteceria.

— Com que então… Maxine. — Ele disse o meu nome como se fosse uma piada. Como se nem fosse mesmo o meu nome.

Prendi o cabelo atrás das orelhas e atirei uma bola para o copo do canto, para ganhar cem pontos. A máquina zumbiu e cuspiu uma tira de bilhetes de papel por baixo da ranhura das moedas.

— Não me chames isso. Ou é Max ou não é nada.

O Billy voltou a olhar de relance para mim. Tinha um ar indolente. Depois, fez um sorriso ensonado.

— Bem. Parece que não tens papas na língua.

Encolhi os ombros. Não era a primeira vez que me diziam isso.

— Só quando as pessoas me irritam.

Ele riu-se, e o som era grave e áspero.

— Mad Max. Muito bem.

No parque de estacionamento, o *Camaro* estava parado debaixo de um candeeiro e era tão azul que parecia uma criatura de outro mundo. Uma espécie de monstro. Queria tocar-lhe.

O Billy virara-se novamente. Estava encostado ao parapeito, com o cigarro na mão, a ver os *karts* acelerarem pela pista rodeada de pneus.

Atirei a última bola, com um baque, para o copo dos cem e tirei os meus bilhetes.

— Vai uma corrida?

O Billy fez um riso de desdém e deu uma passa no cigarro.

— Porque é que havia de andar a brincar com um *kart* minúsculo quando sei guiar?

— Também sei guiar — disse eu, embora não fosse exatamente verdade. O meu pai tinha-me ensinado a usar a embraiagem uma vez, no parque de estacionamento do restaurante Jack in the Box.

O Billy nem sequer pestanejou. Atirou a cabeça para trás e expeliu uma nuvem de fumo.

— Claro que sabes — comentou. Parecia vazio e aborrecido sob as luzes de néon a piscar, mas soava quase amigável.

— E *sei* mesmo. Assim que fizer dezasseis anos, vou arranjar um *Barracuda* e fazer a estrada da costa.

— Um 'Cuda, hã? São muitos cavalos para uma miudinha.

— E então? Eu aguento. Aposto que até conseguia conduzir o teu carro.

O Billy aproximou-se e dobrou-se ligeiramente, para ficar a olhar diretamente para a minha cara. O seu cheiro era ácido e perigoso, tipo produtos para o cabelo e cigarros. Continuava a sorrir.

— Max — disse ele numa voz matreira e monótona —, se achas que vais sequer chegar perto do meu carro, estás redondamente enganada. — Mas ele sorria ao dizer isto. Riu-se novamente, apertando a ponta do cigarro e atirando-a para longe. Os seus olhos brilhavam.

E eu achei aquilo tudo uma grande palermice, porque era apenas assim que os tipos como ele falavam. Tal como os baldas e os marginais que o meu pai conhecia — todos os que frequentavam

o Black Door Lounge, ao fundo da rua do apartamento dele em East Hollywood. Quando faziam piadas sobre a filha temerária do Sam Mayfield ou quando se metiam comigo por causa de rapazes, estavam só a brincar.

O Billy pairava sobre mim, estudando a minha cara.

— Ainda és uma miúda — disse ele de novo. — Mas suponho que até os miúdos conseguem distinguir um carro fixe quando o veem, certo?

— Claro — respondi.

E eu fui mesmo suficientemente burra para acreditar que isto era o início de uma coisa boa. Que os Hargroves tinham chegado e que ia ficar tudo bem — ou, pelo menos, razoavelmente bem. Que esta era a minha família.

MAX ANTES DE SE TORNAR ACELERA.
ANTES DA NOITE MAIS ESTRANHA DA SUA VIDA.
ANTES DE HAWKINS E DO MUNDO INVERTIDO.

Max Mayfield simplesmente não se consegue encaixar. Não é delicada ou cheia de folhinhos, como a sua mãe gostaria. Nunca parece dizer a coisa certa. E prefere passar os seus dias no salão de jogos mais do que em qualquer outro lugar. Quando vivia na Califórnia, tinha amigos e o seu pai estava a apenas uma viagem de autocarro de distância. Mas foi então que a mãe de Max se casou com Neil, e o seu meio-irmão, Billy, entrou em cena.

Agora, Max e a sua nova família vivem em Hawkins, Indiana. O seu padrasto trata-a por Maxine, Billy está fora de controlo e a sua mãe não é capaz de intervir. Max continua a pensar que encontrou amigos para substituir os que deixou na Califórnia, mas todos eles erguem barreiras assim que se começam a sentir vulneráveis. Isto é, até que Max descobre o quão sérias — e estranhas — as coisas realmente são em Hawkins. Max não tarda a perceber que é a mais nova personagem numa história bizarra com *democães*, um perigoso Devorador de Mentes e uma Maga de verdade. Terá de fazer algumas escolhas sérias se pretende salvar Hawkins das partes mais sombrias do Mundo Invertido — presumindo que o violento, louco e descontrolado Billy não se atravesse primeiro no seu caminho.

A PREQUELA DE *STRANGER THINGS* QUE REVELA, COMO NUNCA ANTES, A MENTE DE UMA DAS PERSONAGENS FAVORITAS DA SÉRIE.

Penguin Random House Grupo Editorial
penguinlivros.pt
penguinlivros
nuvemdetinta
ISBN 9789897845413
9 789897 845413 >